

Revista Brasileira de Ciências Humanas

Data de aceite: 25/07/2025

CONCEPÇÃO DE PAULO FREIRE, O DIALÓGICO, A EDUCAÇÃO POPULAR E A ESSÊNCIA DA DEMOCRACIA

Marcelino De Oliveira Fonteles

Mestre em Educação e Professor de Sociologia do Instituto Federal do Piauí, ex-presidente da COHAB/PI e da ADH-PI, ex-Presidente da Fundação Centro de Pesquisas econômicas e Sociais do Piauí, ex-presidente da APCEF/PI e ex-presidente da FAMCC.



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Este artigo/ensaio atualiza e revisa um ensaio que escrevi para o livro *Educação popular e formação política da classe trabalhadora*, eliminando a relação direta com partidos políticos e voltando-se mais para as categorias freirianas e suas relações com a educação popular, o dialógico e a democracia.

Tem por finalidade apresentar uma interpretação do que seja a concepção de mundo de Paulo Freire, as afinidades entre as concepções freiriana e a educação popular e a democracia. Sabe-se que a visão de mundo freiriana engendrou a elaboração da pedagogia da libertação. Pedagogia essa que busca desconstruir nos oprimidos a ideologia do opressor que muitos oprimidos hospedam como se fossem suas.

A pedagogia da libertação, elaborada por Paulo Freire busca, em comunhão com os oprimidos, não só desconstruir a visão de mundo do opressor no oprimido, mas refletir com o oprimido uma concepção que corresponda à sua libertação. Essa pedagogia, através do trabalho de base, do compartilhamento dos saberes, da problematização da realidade e do processo de conscientização interativo, pretende fazer com que os oprimidos superem a visão do opressor e construam, coletivamente e dialogicamente, uma concepção libertadora, não só dos oprimidos, como de libertação do próprio opressor.

Trata-se de um grande desafio da perspectiva pedagógica freiriana. É possível dizer que uma pedagogia dessa natureza não só aprofunda a democracia como tende a desenvolver a mais sustentável democracia substantiva, a essência da totalidade de um sistema social democrático, posto que se constrói com o povo organizado, juntamente com seus intelectuais orgânicos e os parceiros e aliados que surgem no processo de desvelamento dos conhecimentos críticos da realidade, da articulação, mobilização e organização social nas suas mais diversas formas: sindical, asso-

ciação de moradores, Comunidades Eclesiais de Bairro, cooperativas, Organizações Sociais, escolas, institutos e centros de formação política popular, partidos políticos, movimentos de promoção da igualdade racial, movimento de emancipação das mulheres, movimento estudantil e das juventudes, movimentos de trabalhadores rurais, movimentos de atingidos por barragens, movimento LGTBQIA+ dentre várias outras formas de organização das classes populares e médias.

E a totalidade democrática, em sua amplitude e essência, abrange a participação consciente das classes populares, das classes médias e dos intelectuais e dirigentes dessas classes e seus aderentes e aliados, nos processos de organização, acesso e participação efetiva nas formas de organizações dos diversos poderes políticos e de sua distribuição e acesso democrático, dos diversos setores da economia, como na organização e distribuição dos produtos comerciais, das riquezas, dos impostos e das rendas, bem como da organização e do acesso universal à cultura, a educação e aos conhecimentos nas suas mais diversas áreas e formas, assim como em seus diversos níveis: da alfabetização ao ensino superior.

Com a perspectiva de transformar a realidade opressora em uma realidade emancipadora, a pedagogia freiriana, ao mesmo tempo em que busca partir da realidade, carrega a esperança utópica de construção de uma sociedade democrática, livre e igualitária, que abrange, portanto, todas as dimensões citadas no parágrafo anterior.

Para a melhor compreensão dessa perspectiva, será apresentado o que se entende por visão de mundo e qual a concepção de mundo de Paulo Freire. Acrescente-se a isso o confronto entre a pedagogia freiriana e as pedagogias das visões bancária e vanguardista.

Em relação aos conceitos de concepção de mundo, vejamos o que diz Gramsci, ao re-elaborar o conceito de CATARSE das classes

populares como uma passagem de uma consciência corporativa individual para uma consciência ético-política universal. De acordo com Grisoni e Maggiori (*Ler Gramsci*, 1973, p. 220), Gramsci redefine a CATARSE:

Como uma *passagem* “do momento puramente econômico (ou egoísta-passional) para o ético-político, isto é, de elaboração superior da estrutura em superestrutura, na consciência dos homens. A <catharsis> é, portanto, a superação, pelo indivíduo, do nível do <sentido> ou do <ressentido>, que poderíamos também designar, em termos leninistas, por <trade-unionismo>, e a sua instalação a nível ideológico, isto é, para o proletariado, da tomada de consciência como classe <para si>. A <catharsis> é a transformação crítica do <instinto>, que é o grau mais baixo da consciência, em concepção proletária do mundo.

A concepção de catarse, em Gramsci, envolve o processo de transformação de uma visão corporativa de uma categoria social que pensa apenas nos seus interesses particulares, para a visão de classe que tem como perspectiva um projeto político e social que abrange a cidadania do conjunto da sociedade. O corporativismo, quando exacerba seus interesses particulares, e colocasse acima dos interesses do todo ou das camadas que estão em situação de maior carência ou vulnerabilidade, torna-se danoso para a construção da cidadania de todos e todas.

Algumas vezes, as corporações mais organizadas e mais fortes não defendem os setores menos organizados e mais vulneráveis, mas, ao contrário, defendem mais conquistas para a categoria a qual pertencem. Isso, ocasionalmente, pode contribuir para a defesa de privilégios, se comparados com amplos setores da sociedade mais vulneráveis e oprimidos da sociedade..

Por essa razão, é importante questionar muitas pautas corporativas, posto que podem representar, no contexto, apenas privilégios para quem já está numa situação muito acima da média da população em geral. Embo-

ra, em muitas oportunidades, o corporativismo seja necessário para afirmar os interesses de categorias que estejam muito exploradas, assim como para evitar a perda de direitos, conquistados com muitas lutas. No entanto, a consciência de classe e a concepção da construção de uma nova organização social como um todo são muito superiores à consciência corporativista. E direitos conseguidos em determinados períodos só para alguns setores mais organizados, devem ser reexaminados de tempos e tempos, levando em conta o contexto de todas e todos. Na Bíblia se fala do ano de Jubileu, dos judeus, celebrado, na época, a cada 50 anos, que marcava um tempo de libertação, redistribuição das terras e riquezas, para que predominasse o bem comum. Os escravos eram libertos e as terras vendidas eram redistribuídas para que se expandisse a igualdade e a justiça social, se impedindo a concentração de terras e riquezas eternas, garantindo que nenhuma família ficasse permanentemente pobre.

A catarse, ou seja, a conversão coletiva através da práxis, na concepção gramsciana, em que o proletariado organizado supera o instinto corporativo particularista e vai constituindo a sua consciência de classe, representa mudanças de concepções de mundo e de posicionamento político e social. Nessa perspectiva, a vontade coletiva, a classe, ou fração de classe, ou o partido político e as organizações da sociedade civil são instrumentos fundamentais para a transformação através da práxis.

Freud em: *Acerca de uma visão de mundo*, in.: *Novas conferências introdutórias à psicanálise*, 2010: 322), destaca que “visão de mundo” é um termo que vem da palavra alemã *Weltanschauung*, composta das palavras *Welt*, que significa “mundo” e *Anschauung*, que significa “contemplação, visão, concepção”. Esse autor entende que “Uma visão de mundo é uma construção intelectual que, a partir de

uma hipótese geral, soluciona de forma unitária todos os problemas de nossa existência, na qual, portanto, nenhuma questão fica aberta e tudo que nos concerne tem seu lugar definido”.

Nem sempre a visão de mundo que conduz indivíduos a certas atitudes fundamentalistas, ou negacionistas ou de intolerância e ódio, são construção lógicas, intelectuais e racionais. Muitas vezes são fragmentadas, atomizadas, esfaceladas e que causam a sujeição a manipulação de coletividades

Max Weber (Sobre a Teoria das Ciências Sociais, 1991), a exemplo de Freud, parte do mesmo termo Alemão: *Weltanschauung*, e faz a seguinte abordagem sobre as concepções de mundo:

A particularidade de um problema de política social assenta precisamente no fato de este não poder ser resolvido a partir de considerações meramente técnicas baseadas em fins estabelecidos, mas antes de que se pode e deve lutar por estes padrões axiológicos reguladores, dado que o problema afeta já o âmbito da civilização em geral. Se existe luta, não tem apenas como objeto os “interesses de classe”, como tanto nos agrada pensar hoje em dia, mas também as concepções do mundo. Como é natural, isto não cerceia a verdade do fato de que a concepção do mundo pela qual alguém se posiciona é, em larga escala, determinada por um grau de afinidade eletiva que se une ao “interesse de classe” – para utilizar aqui este último termo...” “O destino de uma época cultural que provou o fruto da árvore do conhecimento é ter de saber que não podemos deduzir o sentido dos acontecimentos mundiais a partir dos resultados do seu estudo, por muito completo que este seja; mas pelo contrário, que devemos ser capazes de o criar por nós próprios, que as “concepções do mundo” nunca poderão ser produto de um saber empírico progressivo, e que, por consequência, os ideais supremos que mais intensamente agem sobre nós, apenas se concretizam, em todos os tempos, graças à luta com outros ideais, que são tão sagrados para os outros como os nossos o são para nós” (Weber, 1991, p. 9 e 10).

Pode-se perceber a abrangência que o termo “concepção de mundo” perpassa, desde seu impacto na ideia do saber, do conhecimento e da ciência, assim como a problematização sobre a possibilidade ou não de um conhecimento neutro. Mas, sem dúvida, é uma concepção de uma totalidade não neutra.

Para Mao Tse Tung (Sobre a Contradição, in.: Filosofia de Mao Tse Tung, 1978, p. 30), “Na história do conhecimento existiram sempre duas concepções acerca das leis do desenvolvimento do mundo: uma metafísica, outra dialética. Elas constituem duas concepções opostas sobre o mundo”.

Romão (Paulo Freire e Amílcar Cabral – A descolonização das mentes 2012, p. 15) considera que há uma convergência entre Amílcar Cabral e Paulo Freire no que respeita à ideia de que:

“Nenhum povo, mesmo no período pós-colonial, consegue se livrar de seu colonizador, enquanto não se liberta também de seus referenciais teóricos, de suas premissas, de seus fundamentos e de seus paradigmas, enfim, de sua “Razão”. Ambos, (...) conseguiram enxergar a necessidade da libertação cognitiva, da superação da racionalidade imbricada pela colonialidade; em suma, ambos perceberam que não existe libertação sem a “descolonização das mentes” (...).

Romão (2012) vai considerar o termo “Razão”, como sinônimo de visão de mundo e recorre à Lucien Goldmann para apresentar uma síntese do que seja uma concepção de mundo.

Por “Razão” entendemos a racionalidade de um grupo, construída a partir de suas trajetórias históricas, de seus condicionantes sociais. Em outros termos, Razão (a partir de agora, sem aspas) significará, neste texto, visão de mundo, em geral adstrita a uma classe social, como explicou Goldmann (1978, p.29 e 25): (...) toda a vida psíquica está estreitamente vinculada à práxis; quer ela se apresente sobre o plano individual, quer sobre o plano coletivo, sob a forma de realidades

dinâmicas orientadas para um equilíbrio coerente entre o sujeito e o meio ambiente; isto é, sob processo de estruturação: enfim, que no interior desses processos globais da vida psíquica, e no interior desta, o pensamento, constituem, por seu turno, elas também totalidades relativas, processos de estruturação dirigidos para estado de equilíbrios significativos e correntes. No caso privilegiado de grupos orientados para uma organização global de sociedade, chamamos essas estruturas psíquicas de visões de mundo. [...] certos grupos apresentam um caráter privilegiado tanto por sua vida consciente quanto por sua práxis social e histórica. São aqueles cuja práxis é orientada para uma estruturação global de sociedade, isto é, para certo equilíbrio de conjunto dos grupos constitutivos da sociedade total e entre ela e o mundo físico. Parece-nos também estabelecido pelo menos no que diz respeito a um longo período da história moderna, são as classes sociais que constituem esses grupos privilegiados”.

Romão (2012) considera que o que Marx denomina “consciência de classe”, Goldmann denomina visão de mundo e ele prefere o termo “Razão”. Contudo, todas são totalidades.

Como Freire fala em inacabamento do ser humano, sua visão de mundo não pode ser incoerente com isso. Assim, tende-se a implicar que a concepção de mundo de Freire não é uma visão completa, acabada, mas uma concepção em processo, em construção e inacabada. Porém, não é por isso que ele não tem algumas categorias fundamentais de onde se pode interpretar que reside aí sua concepção de mundo. Por trás de toda pedagogia há uma filosofia ou concepção de mundo. Todo projeto político pedagógico tem ou deveria ter como âncora uma concepção de mundo.

Paulo Freire (Pedagogia do oprimido, 2017) trabalha com a contradição opressores e oprimidos, e a superação dessa contradição. Assim também, trabalha com a oposição entre educação libertadora e problematizadora versus educação bancária ou autoritária. Dessa

forma, opõe a visão do processo social como algo histórico, transformável por homens e mulheres conscientes e organizados, contra a visão fatalista, que acredita que tudo é o destino ou que é assim porque Deus quis assim, e que não podemos mudar nada, devemos apenas esperar.

Esse esperar fatalista é o oposto do esperarçar freiriano, que entende a esperança como uma virtude essencial para se construir coletivamente as mudanças sociais. E, por último, a educação dialógico-democrática como essência da educação, como prática humanista da liberdade, em oposição à ação antidialógica, manipuladora e doutrinadora.

Em outras palavras, há, de um lado, uma educação que converge para uma concepção democrática, não hierarquizada, não imposta, mas onde o processo de ensinar e aprender dá-se na forma de colaboração horizontal. Por outro lado, há a educação bancária, que hoje pode ser traduzida como Escola Sem Partido, que tem uma visão que impõe a censura e o pensamento único doutrinário/autoritário.

A pedagogia da libertação, de Freire, busca desconstruir nos oprimidos a colonização do opressor que muitos oprimidos internalizam como se fossem criações suas. No entanto, essa pedagogia busca não apenas desconstruir a ideologia ou visão de mundo do opressor no oprimido, mas criar com o oprimido uma concepção de mundo que corresponda à sua libertação, em conjunto com seus companheiros e companheiras.

Na realidade, essa pedagogia, através da proposta e da práxis do trabalho de base, do compartilhamento dos saberes, da leitura coletiva crítica do mundo, ou seja, da conscientização, pretende que os oprimidos superem a visão do opressor e construam, coletivamente, democraticamente e dialogicamente, uma caminhada de libertação, não só dos oprimidos, como de libertação do próprio opressor. Em outros termos, uma nova sociedade, com novos homens e novas mulheres emancipados e emancipadas.

Esse é o grande desafio da concepção de mundo freiriana. Pode-se dizer que a realização desse desafio seria a realização de uma grande catarse social, uma grande conversão coletiva, um momento singular, tipo um ano jubileu, através do trabalho de base, para uma nova perspectiva política de constituição de uma nova sociedade.

Dessa forma, considera-se que Paulo Freire foi muito feliz ao colocar, no centro de sua pedagogia libertadora, o exercício de uma prática substantivamente democrática, onde a democracia é tanto o meio como o fim a que se propõe. E o processo de conscientização é fundamental para a práxis democrática. Não pode haver democracia verdadeira onde o conjunto dos participantes ou boa parte deles são pessoas ingênuas, alienadas ou que não tenham uma consciência crítica e, por isso, sejam, manipuláveis.

Para promover o afloramento da conscientização, é necessário um longo e persistente trabalho de base, envolvendo amplas camadas sociais, até que alcance a maioria da sociedade. Portanto, a educação popular libertadora deve abranger todos os graus e espaços de ensino e aprendizagem. O meio para a transformação deve abranger a maioria da sociedade e esse meio, conforme Freire, deve ser humanizado, ético, democrático, coerente com o respeito à caminhada e à consciência do povo.

Diante disso, sabe-se que serão diversos os meios utilizados nesse processo de libertação, como partidos, sindicatos, associações, federações, movimentos sociais rurais e urbanos, disputa de hegemonia nas estruturas do Estado e da sociedade civil em geral. Não adianta um grupo de iluminados tentar dar um golpe para tomar o poder e impor uma transformação através da força das armas. Esse assalto ao poder se sobreporá ditatorialmente, não só às elites, mas a imposição ditatorial se sobreporá a todo o povo.

Nesse cenário do alcance do poder por um golpe de uma vanguarda que se considera iluminada e única detentora da verdade, não haverá respeito a quem pensa diferente. Tudo será decidido por uma cúpula que tenderá a se transformar numa casta que imporá sua vontade absolutista sobre todo o povo. O meio de libertação deve ser coerente com o fim libertador, portanto, o próprio meio deve ser coerente com o processo democrático, ou seja, o meio só pode ser democrático para a realização da democracia substantiva, que abrange aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais.

Em alguns partidos políticos a ideia da construção coletiva e da formação democrática dialógica persiste em setores majoritários do mesmo. Porém, há aqueles onde predomina a concepção vanguardista, doutrinária e autoritária de fazer formação a partir de uma doutrina já dada, como se os participantes da formação fossem depósitos para se despejar informações e doutrinas. Trata-se da reprodução da escola autoritária, que Paulo Freire denominou de escola bancária.

Nesse contexto, o verdadeiro educador não é aquele ou aquela que apenas escuta a sua própria voz, mas é a pessoa que busca ouvir com igualdade as diferentes vozes do povo, num acolhimento polifônico, um conjunto de vozes e sujeitos que interagem, que pronunciam sua palavra de forma igualitária, sem hierarquia.

Esse processo horizontal de diálogos representa um exercício democrático substantivo, convergindo para a visão da educação libertadora freiriana, que envolve a problematização, os temas geradores, os círculos dialógicos, enfim, um verdadeiro processo pedagógico democrático. Contudo, não se afirma aqui que todos que participam desses círculos de diálogos exercem as mesmas influências em relação uns aos outros. Isso depende da experiência e do acúmulo de cada um sobre o tema em debate.

Para Paulo Freire, a práxis que tende a levar ao processo de conscientização não é a da Ca-

sa-Grande, nem a do Coronelismo, que todos conhecem. A práxis da conscientização, também, não é a prática populista, do apelo direto às massas feito pelo líder carismático no sentido, algumas vezes, de manipular o sentimento e a mobilização popular para fins do governo obter seus objetivos que não são necessariamente os mesmos objetivos do povo. Muito menos, não tem relação com a prática da ditadura militar quando foi imposta ao povo brasileiro. Não é também a posição vanguardista, que deseja acelerar o processo histórico para conquistar o poder, e com isso poder usar do domínio sobre as massas para instrumentalizá-las na perspectiva que a vanguarda entende que é melhor.

Além disso, não é através dos meios de comunicação de massa, nos moldes da indústria cultural, que produz padrões para as amplas massas consumirem e assimilarem. Também não se confunde com a visão mecanicista e espontaneísta que considera que, com o agravamento das crises e das contradições do capitalismo, naturalmente, se elevará a consciência das massas, e uma organização e consciência emancipadora emergirá espontaneamente.

Não é essa a concepção de mundo nem a pedagogia de Paulo Freire. Tão pouco é a perspectiva fatalista, que considera tudo obra do destino e que não se pode mudá-lo, pois tudo já estava escrito, conforme a expressão Maktub! A pedagogia freiriana trata do diálogo com os oprimidos, sobre a realidade e o contexto de vida daqueles que sofrem diversas privações e opressões. Constrói, junto com a população, ombro a ombro, a problematização da realidade, no processo interativo das reuniões coletivas, com pessoas que estão vivenciando as mesmas condições sócio-históricas, numa perspectiva alimentada pela esperança de que, juntas, conscientemente, é possível transformar a situação opressiva numa realidade de libertação, no inédito viável.

Considera-se que esse processo pedagógico democrático de conscientização recíproca, de ensino e aprendizagem mútuos, tende a contribuir para que uma parcela cada vez maior da população desenvolva uma consciência crítica emancipadora, ou seja, conscientize-se de sua realidade e se engaje cada vez mais, organizando suas ações com os companheiros e companheiras, para ser protagonista de um processo social libertador.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ (*Entre a Realidade e a Utopia*, 2001, p. 86 e 87), referindo-se às esquerdas e à questão da democracia na América Latina, assim se expressou:

“Nem sempre (a esquerda) fez a necessária distinção de democracia formal e democracia real, de suas relações mútuas, do que deve ser repellido e do que deve ser salvo. Isso explica que só tardiamente reivindicou a necessidade de democratizar a vida política. E isto num continente onde – até pouco tempo atrás – a ausência total de democracia foi a regra, e onde a democracia – inclusive a mais limitada – foi a exceção. (...) Seria preciso reconhecer que, neste esquecimento ou subestimação da democracia, se permite sentir o peso de uma cultura política que, embora não possa ser remetida a Marx, encontra pontos de apoio em Lenin e, sobretudo, no Lenin codificado, junto com Marx, como “marxismo-leninismo”. Trata-se de uma cultura política com diversas ressonâncias autoritárias e, portanto, antidemocráticas. (...) Às limitações da democracia formal na sociedade burguesa, que são inseparáveis de seu caráter de classe, contrapôs-se durante muito tempo a “ditadura do proletariado”, não no sentido marxiano, compatível com a mais ampla democracia, mas no de Lenin (...), como poder “não submetido a nenhuma lei, que, com Stalin, se identificará com ditadura no sentido despótico habitual. A democracia tornava-se assim desqualificada e foi preciso a ascensão do fascismo e do nazismo ao poder para que a palavra democracia adquirisse uma conotação positiva. Mas desta cultura política fazia parte não só uma falsa concepção – que impedia de ver as relações entre seu valor universal

e seu caráter particular de classe, bem como entre democracia e socialismo – mas também a negação da democracia interna nas organizações políticas que deveriam dirigir e canalizar a luta pelo socialismo. Esta prática antidemocrática no partido e em sua relação com as massas baseava-se, por sua vez, no privilégio epistemológico atribuído à vanguarda política de ser por si só – e com ela sua direção – a depositária do saber, privilégio que não podia ser democraticamente compartilhado”.

Contra a visão vanguardista, autoritária, contrapõe-se radicalmente a pedagogia de Paulo Freire e sua radicalidade humanista e democrática de respeito à dignidade do outro. Freire é radicalmente contra essa visão vanguardista/doutrinária, que trata os trabalhadores como depósitos onde os “iluminados” despejarão seus conhecimentos. Ainda sobre a questão democrática, Luxemburgo (*La Revolución Rusa*, 2017, E-book) assim se expressa:

“Tudo isso demonstra que ‘o confuso mecanismo das instituições democráticas’ conta com um poderoso corretivo, ou seja, com o movimento vivo das massas, com sua interminável pressão. E quanto mais democráticas são as instituições, tanto mais vivo e forte o pulso da vida política das massas, mais direta e completa é sua influência, apesar dos rígidos programas partidários, listas eleitorais, burocracia, etc. Com toda segurança, toda instituição democrática tem seus limites e inconvenientes, o que indubitavelmente sucede com todas as instituições humanas. Porém, o remédio que encontraram Lenin e Trotsky, a eliminação da democracia como tal, é pior que a enfermidade que se supõe que vai curar; pois detém a única fonte viva da qual pode surgir a correção a todos os males inatos das instituições sociais. Essa fonte é a vida política ativa, sem travas, livre e enérgica das mais amplas massas populares (...). “A liberdade só para os que apoiam o governo, só para os membros de um partido (por mais numeroso que seja) não é liberdade em absoluto. A liberdade é sempre e exclusivamente liberdade para o que pensa de maneira diferente.”

Há, dentre as correntes políticas de esquerda, aquelas que têm concepção de vanguarda, que têm um projeto pronto de sociedade. Essa vanguarda não entende que o partido é um educador que se educa com o povo. Quem ensina aprende com quem está aprendendo, e quem está aprendendo ensina a quem está ensinando. Ambos vão se transformando e transformando suas ideias nesse processo de ensino e aprendizagem mútuo. É necessário distinguir e compreender a necessidade de não se enveredar pelo vanguardismo, nem cair no espontaneísmo.

Então, o que fazer? É nesse terreno que Paulo Freire trilha e que busca encontrar o justo e correto equilíbrio. O vanguardismo, a ideia de um pequeno grupo de iluminados que detém a verdade e que, por isso, já entende que pode fazer a “revolução” ou dar um golpe de estado é, para Freire, uma visão autoritária que tende a produzir ditaduras.

Para Freire a democracia é um valor estratégico. Ela é, a um só tempo, meio e fim. Assim, o compromisso democrático deve ser permanente: tanto no processo para se alcançar os governos e o poder, como, após alcançá-los, para o exercício do poder. A relação das elites com a democracia é instrumental. Na verdade, a democracia interessa ao povo. E, um dos componentes essenciais da democracia é o diálogo e o processo de partir da análise da realidade de forma coletiva, na construção dos consensos possíveis e do inédito viável.

Assim, é possível destacar na visão de Freire a necessidade do trabalho de base, a formação pelo processo de conscientização a partir da problematização coletiva da realidade, a defesa dos direitos humanos e da cidadania, a defesa dos oprimidos, o combate ao autoritarismo, ao vanguardismo ou doutrinário e a afirmação do dialógico e da democracia como meio e fim.

REFERÊNCIAS

- FONTELES, Marcelino. O reencantamento do mundo: educação não-formal e o protagonismo dos novos movimentos sociais. Teresina: EDUFPI, 2010.
- FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2 ed. ver.- São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- FREIRE, Paulo. À Sombra desta mangueira. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Compromisso- América Latina e Educação Popular, 1 ed. Indaiatuba, SP: Vila das Letras, 2008.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 64. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar da civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GRISONI, Dominique e MAGGIORI, Robert. Ler Gramsci. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1973.
- LUXEMBURGO, Rosa. La Revolución Rusa, Madrid-España: Ediciones Akal, S.A., 2017. E-book, Kindle/Amazon. .
- MANNHEIM, Karl. Ideologia e utopia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- ROMÃO, José Eustáquio e GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.
- SÁNCHEZ VAZQUEZ, Adolfo. Entre a realidade e a utopia: ensaios sobre política, moral e socialismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- WEBER, Max. Sobre a Teoria das Ciências Sociais. São Paulo: Editora Moraes, 1991.